



Nome: _____, turma: _____.

Data: ____/____/____.

Filosofia – 3ª Série EM
Professor Gabriel

Objetos de conhecimentos:

Ler, compreender e refletir a respeito de obras filosóficas.
Compreender o pensamento contratualista de Rousseau.

Leia atentamente os trechos abaixo. Depois, faça o que se pede ao final.

Referência: ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a Origem e o Fundamento da Desigualdade entre os Homens. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

O homem natural é saudável, tranquilo e bom

Sendo o corpo o único instrumento conhecido pelo homem selvagem, ele o emprega em diversos usos, dos quais, por falta de exercícios, os nossos são incapazes, e é nossa indústria que nos tira a força e a agilidade que a necessidade o obriga a adquirir. Se ele tivesse um machado, seu punho romperia galhos tão fortes? Se tivesse uma funda, lançaria com a mão uma pedra com tanta firmeza? Se tivesse uma escada, treparia numa árvore com tanta ligeireza? Se tivesse um cavalo, seria tão veloz na corrida? Com tão poucas fontes de males, o homem no estado de natureza não tem muita necessidade de remédios e, menos ainda, de médicos.

Não vamos, sobretudo, concluir com Hobbes que, por não ter a menor ideia da bondade, o homem seja naturalmente mau; que seja vicioso por não conhecer a virtude; nem que, em virtude do direito, que se atribui com razão, às coisas de que necessita, imagine loucamente ser o único proprietário de todo o universo. [...] Ele não viu que a mesma causa que impede os selvagens de usar da razão, como pretendem nossos juristas, impede-os ao mesmo tempo de abusar de suas faculdades, como ele mesmo pretende; de sorte que se poderia dizer que os selvagens não são maus justamente por não saberem o que é serem bons, pois não é nem o desenvolvimento das luzes, nem o freio da lei, mas sim a calma das paixões e a ignorância dos vícios que os impedem de proceder mal.

As desigualdades naturais pouco importam para o homem na natureza, e ele é livre

Porém, ainda que a natureza revelasse na distribuição de seus dons tantas preferências como pretendem, que vantagens delas tirariam os mais favorecidos em prejuízo dos demais, num estado de coisas que não admitiria quase nenhum tipo de relação entre eles? Quando não há amor, de que servirá a beleza? De que servirá o espírito a pessoas que não falam, e a astúcia aos que não têm negócios?

[...] Um homem bem poderá apoderar-se dos frutos que outro colheu, da caça que matou, do abrigo que lhe servia de refúgio; mas como conseguirá ele fazer-se obedecer, e quais poderão ser as cadeias da dependência entre homens que nada possuem? Se me expulsam de uma árvore, o único inconveniente será ir para outra; se me atormentam num lugar, o que me impedirá de ir para outro? E se surgir um homem com uma força bastante superior à minha e, além do mais, bastante depravado, preguiçoso e feroz para forçar-me a trabalhar enquanto permanece ocioso? Ele terá de resolver-se a não me perder de vista um só instante, a manter-me amarrado com muitíssimo cuidado durante seu sono, temendo que eu escape ou o mate. Depois de tudo isso, e se sua vigilância esmorecer um momento? Se um ruído imprevisto o fizer virar a cabeça? Dou vinte passos pela floresta, meus grilhões são rompidos, e ele não tornará a me ver nunca mais em sua vida.

Surge a propriedade e a desigualdade social

A metalurgia e a agricultura foram as duas artes cuja invenção produziu essa grande revolução. É o trabalho que, dando ao lavrador o direito sobre o produto da terra que lavrou, dá-lhe, conseqüentemente, o direito sobre o solo, pelo menos até a colheita, e assim, de ano em ano, o que vinha a ser uma posse contínua se transforma facilmente em propriedade.

As coisas nesse estado poderiam ter permanecido iguais se os talentos fossem iguais e se, por exemplo, o emprego do ferro e o consumo dos alimentos estivessem sempre em perfeito equilíbrio. Porém a proporção que nada mantinha logo foi rompida; o mais forte realizava mais obras; o mais esperto tirava melhor partido da sua; o mais engenhoso encontrava meios de abreviar o trabalho; o lavrador tinha mais necessidade de ferro, ou o ferreiro mais necessidade de trigo e, trabalhando igualmente, um ganhava muito enquanto o outro labutava para viver. É assim que a desigualdade natural se desdobra insensivelmente com a desigualdade de combinação, e as diferenças dos homens, desenvolvidas pelas das circunstâncias, ficam mais sensíveis.

O homem perde sua liberdade e sua bondade

Sendo as qualidades naturais (o espírito, a beleza, a força ou a habilidade) as únicas que podiam conquistar a consideração dos demais homens, logo foi preciso tê-las ou fingir tê-las; para o proveito próprio, foi preciso mostrar-se diferente do que de fato se era. Ser e parecer tornaram-se duas coisas totalmente diferentes, e dessa distinção provieram o fausto imponente, a astúcia enganadora e todos os outros vícios.

Por outro lado o homem, de livre e independente que era antes, passou a estar, devido a uma profusão de novas necessidades, sujeito a toda a natureza e aos seus semelhantes, de quem num sentido se torna escravo, mesmo em se tornando seu senhor: rico, precisa de seus serviços; pobre, precisa de seu auxílio, e a mediocridade não o coloca em situação de viver sem eles. Logo, é necessário que sempre procure convencê-los das vantagens, reais ou aparentes, de trabalhar para ele; isso torna-o dissimulado e artificioso com uns, imperioso e duro para com outros e torna-lhe imprescindível enganar todos aqueles de que necessita. Enfim, a ambição devoradora, a gana de aumentar sua fortuna relativa, menos por verdadeira necessidade do que para ficar acima dos outros, inspiram a todos os homens uma nefanda inclinação para se prejudicarem mutuamente, uma inveja secreta; em suma, concorrência e rivalidade de um lado, oposição de interesses do outro e sempre o desejo oculto de tirar proveito à custa de outrem; todos esses males constituem o primeiro efeito da propriedade e o cortejo inseparável da desigualdade nascente.

O surgimento do Estado

Ora, quando as propriedades privadas cresceram a ponto de cobrirem todo o solo e de tocarem-se umas nas outras, umas só puderam então progredir a expensas das outras. Daí começaram a nascer, conforme os diversos temperamentos de uns e de outros, a dominação e a servidão, ou a violência e as rapinas. Foi assim que a igualdade rompida foi seguida pelas mais terríveis desordens; foi assim que as usurpações dos ricos, as pilhagens dos pobres, as paixões desenfreadas de todos tornaram os homens ávaros, ambiciosos e maus. Levantava-se entre o direito do mais forte e o direito do primeiro ocupante um conflito perpétuo que só terminava por combates e assassínios. À sociedade nascente seguiu-se um terrível estado de guerra.

Esmagando facilmente um particular, mas esmagado ele próprio por bandos de bandidos, o rico acabou por conceber o projeto mais refletido que jamais passou pelo espírito humano: empregar em seu favor as próprias forças daqueles que o atacavam, transformar em defensores seus adversários:

“Unamo-nos”, disse-lhes, “para resguardar os fracos da opressão, conter os ambiciosos e assegurar a cada qual a posse do que lhe pertence. Instituíamos regulamentos de justiça e de paz aos quais todos sejam obrigados a adequar-se, que não abram exceção a ninguém, submetendo igualmente o poderoso e o fraco a deveres mútuos. Em suma, em vez de voltarmos nossas forças contra nós mesmos, reunamo-las em um poder supremo que nos governe segundo leis sábias, que proteja e defenda, todos os membros da associação”. Foi preciso muito menos do que o equivalente a esse discurso para empolgar homens grosseiros, fáceis de seduzir. Todos correram ao encontro de seus grilhões.

Havendo o povo reunido, a respeito das relações sociais, todas as suas vontades em uma só, todos os artigos sobre os quais essa vontade se explica tornam-se outras tantas leis fundamentais que obrigam todos os membros do Estado sem exceção, regulamentando uma delas a escolha e o poder dos magistrados encarregados de zelar pela execução das outras.

A degeneração do Estado

Todas as magistraturas (cargos políticos) a princípio foram eletivas e a preferência era concedida à idade, que proporciona a experiência e a sabedoria. Os anciãos dos hebreus, os gerontes de Esparta, o senado de Roma e a própria etimologia da palavra Senhor mostram como outrora a velhice era respeitada. Porém, quanto mais as eleições recaíam sobre os homens de idade avançada, mais se tornavam frequentes, e mais suas dificuldades se faziam sentir; nasceram as intrigas, formaram-se as facções, indispueram-se os partidos, surgiram as guerras civis, e chegou-se ao ponto de recair na anarquia dos tempos anteriores.

Os líderes ambiciosos se aproveitaram dessas circunstâncias para perpetuar seus cargos em suas famílias; o povo, já acostumado com o sossego e com as comodidades da vida, e já sem condições de romper seus grilhões, consentiu em deixar aumentar sua servidão para fortalecer sua tranquilidade. E foi assim que os chefes, tendo se tornado hereditários, acostumaram-se a olhar sua magistratura como um bem de família, a olhar a si mesmos como os proprietários do Estado do qual antes eram apenas os funcionários, a chamar os seus concidadãos de seus escravos.

Se seguirmos o progresso da desigualdade nessas diferentes revoluções, verificaremos que o estabelecimento da lei e do direito de propriedade foi seu primeiro termo; a instituição da magistratura, o segundo; e que o terceiro e último foi a mudança do poder legítimo para poder arbitrário. Assim, a diferença entre o rico e o pobre foi autorizada pela primeira época; entre o poderoso e o fraco, pela segunda; e, pela terceira, entre o senhor e o escravo, que é o derradeiro grau da desigualdade e o destino final a que chegam todos os outros.

Se aqui coubesse entrar em pormenores, eu explicaria facilmente como a opressão cresce continuamente sem que os oprimidos jamais pudessem saber qual termo ela teria, nem que meios legítimos lhes restariam para detê-la. É do seio dessa desordem e dessas revoluções que o despotismo, erguendo paulatinamente sua horrorosa cabeça e devorando tudo o que tivesse percebido de bom e de sadio em todas as partes do Estado, conseguiria por fim pisar com os pés as leis e o povo e estabelecer-se sobre as ruínas da república. No fim, tudo seria engolido pelo monstro, e os povos já não teriam chefes nem leis, mas somente tiranos.

É este o último termo da desigualdade, e o ponto extremo que fecha o círculo e toca o ponto de que partimos; é nele que todos os particulares voltam a ser iguais porque nada são, e que, já não tendo os súditos outra lei além da vontade do senhor, nem o senhor outra regra além das suas paixões, se esvaem mais uma vez as noções do bem e os princípios da justiça. É nele que tudo se resume apenas à lei do mais forte e, por conseguinte, a um novo estado de natureza diferente daquele por que começamos, porque um era o estado de natureza em sua pureza, e este último é o fruto de um excesso de corrupção.

Atividades:

- 1. Com base na leitura, crie uma linha do tempo resumindo as várias etapas que marcam a passagem do homem do estado de natureza para o Absolutismo segundo Rousseau, incluindo as principais características de cada etapa.**
- 2. Com base na leitura, indique quais são as desigualdades naturais humanas, e quais são as desigualdades sociais.**
- 3. De acordo com Rousseau, o que faz surgirem as desigualdades sociais?**